

CONTRAPONTO**em energia atômica?****NÃO****Diálogo interdisciplinar sobre a questão nuclear****Hugo Vela**

Engenheiro florestal, mestre em Extensão Rural, doutor em Educação. Professor do departamento de Extensão Rural da UFSM

Um amigo da infância e, em termos escolares, uns quatro anos na minha frente. Sempre mostrou interesse em tudo, mas optou pela Física. Aprendi muito com ele, embora tenha me decidido pelas Ciências Sociais. Aplicava a física em tudo, permanentemente explicava o que fazíamos sob os paradigmas de sua área. Era famoso na universidade quando se tornou docente. Agradeço a ele as primeiras informações sobre Newton, Marx, Einstein e outros, ao final dos anos 60. Através dele, pude participar de muitas coisas na universidade, antes mesmo de ter os pré-requisitos do Sistema. Grandes questões eram: O Armamentismo e a Guerra Fria, a Questão Nuclear, o Pacifismo e o Meio Ambiente.

Confesso que não deixei de acompanhar o desenvolvimento dessas questões até hoje. Incluí ainda, num dos meus livros publicado em 2003, a questão do armamentismo e o meio ambiente. E o que posso dizer atualmente sobre a Questão Nuclear? Posso dizer que estamos reativando um debate superado. Estamos em tempo de não investir no passado, no que está provado que não é conveniente. A diferença entre a discussão dos anos 60 e os anos 2 mil é que, primeiramente, o que pareciam visões apocalípticas dos contrários à Energia Nuclear, infelizmente acabaram se manifestando em ações concretas, e que o provável benefício econômico das aplicações nesse tipo de energia não é significativo para o bem da vida, entendida no sentido mais geral.

O físico é o meu amigo, não sou eu, portanto, minhas colocações não pretendem discutir fusão, fissão, moléculas radiativas e outras tantas coisas tão importantes de se saber, e, assim, lembrar apenas alguns fatos que corroboram a necessidade de não entrar na defesa de uma tese superada pelas evidências. Do ponto de vista político, sabemos que o discurso inicial dos que buscam ingressar no seletivo grupo dos nucleares o fazem

argumentando fins pacíficos. Do ponto de vista econômico basta observar a realidade contemporânea dos pioneiros da energia nuclear. O programa de governo do primeiro mandato de George Bush Jr. contemplava incentivos fiscais de até 500 milhões de dólares para facilitar a venda de plantas nucleares e o negócio não teve a demanda imaginada.

Os defensores da Energia Nuclear não conhecem a dimensão real de Chernobyl, nem eu a conheço, mas me basta o primeiro balanço do acidente nuclear, em época de paz, para entender que a vida, entendida como a conhecemos, não pode ser medida em termos econômicos, mas sim em termos de seres biológicos capazes de realizar atividades econômicas. Mais de um milhão de humanos atingidos imediatamente após o acidente. Muitas mães cuidam e amargam agora com carinho alguns monstrinhos de grande cabeça e um pé, sem braços e de olhos grandes, como resultado imediato da radiação. Aconselho que vejam no relatório *Igor*, uma espécie de pingüim humano mostrado na Inglaterra para alertar contra os chamados acidentes nucleares.

E quando usada deliberadamente com fins militares, Hirochima e Nagasaki são dois exemplos contundentes.

Outro grande problema nos EUA é como alertar as futuras gerações sobre o lixo nuclear. Os colegas da física nuclear sabem dos depósitos de sal e o risco do futuro enterrado ao sul daquele país. E neste momento da história, é duvidoso dizer que se investe na energia com fins pacíficos, pois se começou uma nova corrida nuclear perigosamente armamentista, pior que a anterior. O instrumental científico moderno permite observar com maior clareza

“O debate contemporâneo são as fontes alternativas”



os resultados. Os EUA e a ex-URSS conseguiram destruir totalmente a vida tal qual a conhecemos nas regiões de testes nucleares em Nevada, Washinton, Semipalatinsk (Cazakistão), afora os territórios de franceses e de alemães. Um acidente nas usinas de Atucha I, II ou III na Argentina alcançaria terrivelmente os gaúchos. Não temos hospitais nem pessoal preparado para atender uma emergência desse tipo. Acidentes já ocorreram no EUA, na Rússia, no Japão, e por que não por aqui?

O Instituto Internacional de Estudos Estratégicos mostrou dados de investimentos em armamentismo,

uma despesa global em assuntos militares, em 1996, da ordem de 811 bilhões de dólares. A produção civil, para chegar a esse montante naquele mesmo ano, teria que somar os resultados econômicos das cinco maiores empresas mundiais dos seguintes setores: bebidas, alimentos, medicamentos, papel/madeira, metais, química e computação. Declaradas existem aproximadamente 50 mil ogivas nucleares, com uma potência de 20 bilhões de toneladas de TNT, isto é, um milhão e 660 mil vezes mais potentes que a bomba de Hiroshima. Para que então, querer produzir algo superado? O debate contemporâneo são as fontes alternativas. O interessante da interdisciplinaridade é a relatividade da linearidade.